

APOSTLES OF INEQUALITY: RURAL POVERTY, POLITICAL ECONOMY AND *THE ECONOMIST*, 1760-1860

HANDY, Jim. Toronto, University of Toronto Press, 2022, 302 p.

Recebido em 24/08/2024

Aprovado em 13/10/2024

DOI: 10.69585/2595-6892.2024.1166

Acompanhar discussões políticas muitas vezes equivale a acompanhar um show de horrores. Um desses exemplos mais marcantes no ano de 2024 foi em uma audiência na Comissão de Direitos Humanos na Câmara dos Deputados, em 5 de junho. A deputada Érika Hilton (PSOL-SP) apresentou uma audiência pública para discutir o fim da jornada de trabalho 6x1 (seis dias de trabalho e um de folga) para uma de quatro dias de seis horas. O pastor Marco Feliciano (PL-SP) tentou barrar a discussão, dizendo que “todas as pessoas trabalham até a exaustão para verem a prosperidade” nos Estados Unidos e Japão (Feliciano Defende, 2024). A fala de Feliciano mostra que esse tipo de discurso está muito em voga entre seus apoiadores, que aprovaram e compartilharam a fala de Feliciano – o que é especialmente chocante, pois a evidência empírica mostra que os trabalhadores nesses países desenvolvidos trabalham menos e que reduzir o número de horas trabalhadas é visto como algo fundamental para o desenvolvimento da sociedade (Giattino; Ortiz-Ospina, 2020).

Tal discurso também é facilmente reconhecível para qualquer estudioso da Economia Política. Toda discussão sobre alienação vai aludir direta ou indiretamente à falácia de que tudo o que o trabalhador precisa é trabalhar duro e ele será recompensado pelo Capital. Discursos como esses foram construídos exatamente na origem do capitalismo e envolveram a propagação de escritos entre as elites britânicas, por meio de periódicos como a *The Economist*. É o que argumenta o historiador Jim Handy em

**RAFAEL GALVÃO
DE ALMEIDA**

Doutor em Economia pela UFMG.
Pós-doutorando na UFABC

Email: rga1605@gmail.com

Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-3582-9906>

Apostles of Inequality: Rural Poverty, Political Economy, and The Economist, 1760–1860.

Handy é um historiador dos movimentos camponeses. Sua especialização é na história da Guatemala e seus movimentos camponeses, sendo autor de uma das mais importantes histórias desse país (Handy, 1984). Durante 40 anos, ele conviveu com guatemaltecos e pôde observar as técnicas milenares de cultivo, que buscavam aproveitar o solo da melhor forma possível, e notou uma preocupação com a sustentabilidade, ausente nos modelos de grandes plantações para exportação. Ele observou a atitude de vários atores, supostamente iluminados, de desprezo em relação aos camponeses e suas propriedades pequenas, em prol de uma administração supostamente racional dos recursos. Quem lida com ajuda internacional vê o *script* se repetindo: um estrangeiro (normalmente um economista) chega a um local tradicional e declara que o seu treinamento o faz mais inteligente do que toda a soma de conhecimentos adquiridos localmente e exige que suas técnicas melhores substituam todo o aparato tradicional criado para lidar com o assunto. O resultado comum é alienação dessas populações e poucas chances de melhoria real da sua situação. Quando confrontados com esses resultados, esses economistas culpam os locais por não seguirem suas recomendações ou forças além de seu controle, até atribuindo-os à vontade de Deus ou do Mercado.

O que era observado na Guatemala do século XX tem suas origens na Inglaterra do século XVIII. Durante esse período, a Inglaterra passava pela Revolução Industrial e é sabido que a mão de obra barata contratada nas fábricas inglesas veio de camponeses expulsos da terra. O que levou a essa expulsão? A história econômica entende que os cercamentos e fim das áreas de uso comum levaram a esse fenômeno, mas Handy procura demonstrar o papel do discurso. O camponês inglês costumava ser uma figura respeitada, o que mudou aos poucos, a ponto de, durante os primeiros estágios da Revolução Industrial, o camponês se tornar, para usar um anacronismo, um vagabundo. A solução era remover os camponeses para que pudessem

se desenvolver melhor e dar as terras a fazendeiros que as poderiam alugar a verdadeiros trabalhadores rurais, capazes de usar melhor ferramentas e técnicas – o capital – para as melhorar. Nesse mundo de contínua oportunidade de melhoria, os únicos culpados pela pobreza eram os pobres, que se recusavam a deixar a indolência.

Entre os apóstolos da desigualdade estavam Arthur Young (1741-1820), Thomas Robert Malthus (1766-1834), William Nassau Senior (1790-1864) e a *The Economist* (fundada em 1843). Handy demonstra que todos eles escreviam para uma elite agrária inglesa que via as suas propriedades como algo natural, legitimadas pela posse de uma ética trabalhista que faltava ao camponês, tornado tal elite agraciada pela Providência.

A única esperança dos mais pobres era trabalhar duramente para alcançar uma posição proprietária, inspirando-se nos seus patrícios mais bem-sucedidos. Isso não era tarefa fácil, pois os camponeses e pobres tinham uma predisposição natural à indolência. Por isso, o dever do governo não era fornecer ajuda, através das Leis dos Pobres, mas criar condições para o desenvolvimento deles. A revolução agrícola promovida pelos cercamentos, com o aumento da intensidade de capital nas fazendas e expansão do pagamento em dinheiro pelo trabalho campesino, teria o papel de “choque de produtividade” – junto com os incentivos de pobreza e miséria (“a fome vai amansar os trabalhadores mais duros”, nas palavras de Joseph Townsend), um novo homem britânico emergirá, mais forte, mais abençoado pela Providência e mais apto a administrar as riquezas que ele conquistou.

Nesse contexto, a *The Economist* emerge como meio de comunicação dessas ideias. Um de seus fundadores era Nassau Senior, mais parecido com um vilão de uma novela de Charles Dickens ou um herói de uma novela de Ayn Rand do que com um ser humano. Ele participou no comércio de escravizados e defendeu uma aristocracia iluminada pelas leis da Economia Política, baseada na busca pela riqueza. Durante as primeiras duas décadas, *The Economist* fez campanha assídua por mudanças nas Leis dos Pobres consoantes ao projeto de Nassau Senior para diminuição e até mesmo eliminação de

quaisquer auxílios ou benefícios para camponeses e trabalhadores urbanos. A fome na Irlanda e a colonização da Índia eram punições providenciais contra essas nações que não tinham a melhor ética trabalhista e deveriam se submeter às leis da Economia Política apregoadas por pessoas mais iluminadas, como os contribuintes da revista. Muitas vezes a revista comprometia seus ideais de liberdade em troca de melhores condições econômicas para a Inglaterra, como é demonstrado no apoio ambivalente da revista aos confederados na Guerra Civil Americana.

Através das mais eficazes conexões, uso de canais de divulgação de acessibilidade alta (a *The Economist* foi um sucesso já logo nos primeiros anos) entre os principais formuladores de política e de opinião e desprezo pelos seus críticos, os apóstolos da desigualdade promoveram o fundamento de bordões como “ninguém quer trabalhar” ou qualquer outra coisa envolvendo “vagabundos” – bordões que persistem até hoje, como podemos ver nas falas de Marco Feliciano.

Porém, um deles, Arthur Young, veio a se arrepender. A partir da década de 1790, ele passou a chamar cada vez mais a atenção para o fato de que o aumento da pobreza no campo não era causado por uma ética de trabalho ruim, mas pela falta de acesso dos camponeses à terra. Young percebeu que os únicos que se beneficiaram da revolução agrícola que ele tanto amava eram os grandes proprietários, que trabalhavam muito menos que os camponeses. Se os proprietários acumulavam terras e destruíam a cultura de *cottages*, essenciais aos camponeses para garantirem sustento, eles impediam os camponeses de se desenvolverem, independente da ética adotada por eles.

Handy menciona que Young veio a se arrepender após a morte de sua filha em 1797. Ele entrou em uma crise existencial profunda que o levou a se voltar à religião cristã. Handy analisa com ceticismo sua conversão, mas fica claro que Young não podia mais ver a Providência justificando tal sistema, por promover a desigualdade e o “direito” dos poderosos ao abuso. Pelo contrário, era um sistema gerido por pessoas ímpias, que se aproveitavam

do trabalho duro das classes mais baixas e ainda zombavam dele como insuficiente. Mais de dois séculos depois, pregadores ainda tentam propagar discursos semelhantes. Quem realmente está trabalhando até a exaustão? Quem ganha com isso? Qual é o interesse em dizer que quem depende de Bolsa Família é vagabundo? Se os trabalhadores não estão ganhando o que é proporcional a trabalhar até a exaustão, então por que eles deveriam se matar de trabalhar?

Personalidades como Marco Feliciano bem que poderiam fazer essas perguntas antes de defender trabalho até a exaustão. Handy demonstra como esse tipo de discurso destrói a família camponesa, obrigada a enviar diferentes membros para diferentes casas de trabalho. Os discursos de Feliciano são ouvidos por milhares de pessoas que acreditam que há uma conspiração mundial contra a família, mas são incapazes de perceber como o capitalismo destrói essa mesma família, pois a busca pelo sustento toma-lhes cada vez mais o tempo para se desenvolverem e apreciarem um ao outro. Não somente isso, famílias privilegiadas são incentivadas a desprezarem aquelas que não são, assim como os proprietários ingleses desprezavam os camponeses expulsos pelos cercamentos, e cobrando altas taxas de aluguéis. Por isso *Apostles of Inequality* é uma obra importante para os estudiosos da Economia Política e para compreender as origens de vários problemas no capitalismo moderno.

Referências

GIATTINO, C.; ORTIZ-OSPINA, E. Do workers in richer countries work longer hours? *OurWorldInData.org*. Disponível em: <https://ourworldindata.org/rich-poor-working-hours>. [Acesso em: 24/08/2024]

FELICIANO DEFENDE trabalho 'até a exaustão' em comissão da Câmara. *Terra*. 06/06/2024. Disponível em: <https://www.terra.com.br/noticias/educacao/carreira/videos/feliciano-defende-trabalho-ate-a-exaustao-em-comissao-da-camara,b1a6acfbcd908be6f0cf4613a0e03db081ewgbdz.html>. [Acesso em: 24/08/2024]

HANDY, J. *Gift of the devil: a history of Guatemala*. Boston: South End Press, 1984.